

dos protestantismos (GRBEP, Faculdade de teologia protestante da Universidade de Estrasburgo). Desta vez, trata-se de uma perícopa de Isaías, onde é referido o nome estranho de *Maher-Shalal-Hash-Baz*, não sem relação com o de *Emmanuel*, do capítulo precedente, e, em contraste com este (que evocava o curso tranquilo da ribeira de Siloé), ligado a guerras e conflitos no Próximo Oriente e à escalada ascendente da poderosa Assíria. O livro apresenta quatro etapas na história da respetiva exegese.

Michael Langlois, num primeiro estudo, procura precisamente decifrar a relação oculta da inscrição *Maher-Shalal-Hash-Baz* com a referência ao *Emmanuel* (Que Deus esteja conosco) do capítulo 7. Segue-se o estudo de Alain le Boulluec sobre a interpretação da mesma passagem de Isaías no cristianismo antigo, nomeadamente nos Padres da Igreja, na base da tradução dos Setenta. Por sua vez, o medievalista Jean-Pierre Rothschild explora a correspondente exegese judaica medieval e moderna (sécs. XVI-XIX), aquela muito sob a influência de São Jerónimo e ambas portadoras de sempre novos aprofundamentos. O quarto estudo é da autoria de Sumi Shimahara e incide sobre as interpretações latinas e cristãs de Is 8, 1-8 desde S. Jerónimo a Pierre de Jean Olieu, também elas trazendo consigo abundantes inovações. Finalmente, Max Engammare procede ao estudo das leituras protestantes do mesmo passo escriturístico por Lutero, Zwínglio, Cœlmpade e Musculus ou Gwalther.

O volume é servido por três índices específicos: de citações bíblicas, de autores antigos e de autores contemporâneos.

LUÍS SALGADO

HISTÓRIA DA IGREJA

BENOÎT XVI, *Témoins du message chrétien*, Parole et Silence, Paris, 2013, 206 p., 210 x 140, ISBN 978-2-88918-157-5.

Quem acompanhou as catequeses semanais de Bento XVI sabe que ele dedicou uma série delas à exposição resumida da vida e da obra de grandes figuras da história da Igreja, que foram mestres e testemunhas da mensagem cristã. Não foi certamente, ou não o foi principalmente, porque se lhe tornava fácil a sua elaboração, teólogo e mestre que era (é) ele próprio. A verdadeira razão essencial foi a sua percepção de que, com isso, ele poderia prestar um valioso serviço à causa da nova evangelização, dando a conhecer ao grande público essas figuras exemplares, geralmente só conhecidas por quem se dedica à teologia. Exemplares porque fizeram, cada um no seu estilo e com a sua contribuição próprios, verdadeira teologia, daquela que vive da fé da Igreja que ela ensina. Exemplos de sabedoria e de santidade, ensinam-nos o verdadeiro modo cristão de ser e de agir. Com a sua apresentação, na sucessão do tempo da Igreja, compreendemos que esta é uma realidade dinâmica, animada pelo Espírito que a leva a tirar do tesouro do Evangelho coisas sempre novas e velhas.

Este volume apresenta, ao todo, trinta dessas grandes figuras. Não esgotam a série das catequeses de Bento XVI nesta linha, porque ele continuou para além das que aqui estão representadas. Elas recobrem o tempo da Patrística e da primeira escolástica. É o seguinte o seu elenco: Clemente de Roma, Inácio da Antioquia, Justino, Ireneu de Lyon, Orígenes, Tertuliano, Cipriano de Cartago, Eusébio de Cesareia, Atanásio, Basílio,

Gregório de Nazianzo, Gregório de Nissa, João Crisóstomo, Hilário de Poitiers, Ambrósio, Jerónimo, Efrém, Agostinho (ao qual dedica, em exclusivo, cinco catequeses), João Clímaco, Beda o Venerável, João Damasceno, Rábano Mauro, João Escoto Erígena, Cirilo e Metodios, Pedro Damiano, Anselmo, Pedro o Venerável, Bernardo de Claraval, Guilherme de Saint-Thierry e João de Salisbúria.

Sempre com exposição clara e de leitura atraente, como é próprio dos escritos de J. Ratzinger / Bento XVI.

LUÍS SALGADO

PASTORAL

BERGOGLIO, Jorge Mario – PAPE FRANÇOIS, **Seul l'amour nous sauvera**, Parole et Silence, Paris, 2013, 190 p., 210 x 140, ISBN 978-2-88918-188-9.

Em pouco tempo, o Papa Francisco tem surpreendido o mundo pela frescura evangélica dos seus setenta e seis anos, uma frescura com a qual se propõe contagiar a Igreja de que se tornou pastor universal. O seu exemplo de pastor que foi antes de assumir as atuais funções tem sido evidenciado por muitos. Mas também o que ele pensa sobre como devem ser a verdadeira Igreja de Cristo e os pastores que dela cuidam como do Seu rebanho. Em destaque têm sido postas a sua simplicidade, o seu sentido da fraternidade, da ternura e da misericórdia, mas também o da sua exigência de radicalidade evangélica, incluindo o regresso – tão badalado nos tempos pós-Vaticano II – a uma Igreja serva e pobre. Muita coisa poderá mudar na Igreja sob a sua liderança. Muita coisa também começa a ser conhecida ou melhor conhecida, sobre o que ele pensa a propósito da Igreja e da pastoral.

Este livro colige uma série de textos daquele que era então o Arcebispo de Buenos Aires e Cardeal Jorge Bergoglio, recolhidos de várias das suas intervenções públicas. Neles poderá o leitor encontrar pensamentos sobre coisas como a presença de Jesus na cidade, a abolição da (atual) escravatura, a educação na harmonia, a necessidade de escutar a voz dos mais fracos, a precedência do casamento sobre o Estado, a dívida pública e a justiça social, a necessidade da oração, a necessidade de o cristão evitar ser como o fariseu no tempo da parábola e, antes, se reconhecer pecador, a alegria do reencontro, a necessidade de estarmos próximos uns dos outros, etc. etc.

São sobretudo homilias, em estilo muito simples, despretensioso, evangélico, indo direito à vida concreta das pessoas. A sua leitura só pode fazer bem, que para proveito próprio enquanto ouvintes da Palavra quer, enquanto pastores, para tomar como exemplo de como levar o Evangelho aos que dele carecem.

LUÍS SALGADO

ESPIRITUALIDADE

HUBAUT, Michel, **Un monde en quête de sens**, coll. « Épiphanie », Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2013, 208 p., 210 x 135, ISBN 978-2-204-09988-2.

O autor deste livro – franciscano, conferencista e animador de retiros e de sessões de formação – parte de uma dupla constatação de fundo: por um lado, a de um mundo onde a fé cristã tradicional esmoreceu e mesmo, em boa medida, desapareceu, com ela desaparecendo aquele sentido da vida que dela recebia luz; por outro, a de que, não obstante a sua ausência – seja nos que